

RECENSÃO CRÍTICA



MARQUES, António Manuel (2012) – A Imperfeição do presépio: Um álbum de memórias da história quotidiana que construiu Portugal do século XX. Lisboa: Bertrand.

ANA MARIA PESSOA

ana.pessoa@ese.ips.pt

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

Um livro pequeno, ergonomicamente perfeito. Uma excelente capa cuja cor (predominantemente sépia) nos leva para as do tempo que o autor nos quer lembrar: o dos papéis e das fotografias dos anos 30 a 70 do século passado, período em que decorre a ação. As fotografias – que só podem ser verdadeiras - são o ponto de partida e de chegada do texto não necessitando, por isso, das folhas caídas dos plátanos que ocupam a maior parte da área superior da capa. Felizmente não foram feitas em ateliê para ilustrar capas de livros... Quem tenha hoje mais de 50 anos de idade e tenha vivido em bairros periféricos da zona ocidental da Lisboa de então, com império colonial mas sem as cores e cheiros que dele hoje ali existem, por certo se lembra daqueles descampados e das barracas, inesquecíveis, em muitos dos bairros mais ou menos periféricos da capital.

Uma mulher orienta-nos nesse percurso por diversos temas e locais da cidade e do país triste e cinzento no qual vive e trabalha. O tema de fundo é o casamento, o dela, sobre o qual diz, logo nas primeiras frases: “Do meu casamento não tenho grande coisa a dizer. De outra maneira, mas era uma noiva, pois claro. Qual branco? Lá não era assim. Éramos simples, não tínhamos direito a essas coisas que há hoje. Os vestidos a arrojarem pelo chão, essa fantochada toda. Nem eu me via metida nessas andanças. Naquele tempo, era tudo simples.»

Ela deixa-nos um olhar feminino sobre o quotidiano, sobretudo na esfera da família, das relações conjugais e, fora de casa, no trabalho assalariado.

O título é excelente quando convoca a junção de dois substantivos que se contradizem entre si (como é que um presépio pode ser imperfeito?) para falar de uma família (entre muitas) que, no tempo em que ela existiu, não era “o” padrão. A invocação do presépio e a falta da esfera religiosa no livro são uma prova da desnecessidade de coerência.

A frase de Miguel de Unamuno, em epígrafe, tem imensas leituras, sobretudo depois do livro lido: só quem viveu, de perto, naquela época, dentro daqueles grupos sociais, teria uma percepção tão fina, nítida, pormenorizada do que escreve; até o uso de certo vocabulário muito específico é típico de quem habitou ali, naqueles meios: Lígia Amâncio (na apresentação que fez na Livraria Bertrand, em Lisboa) reteve o pormenor do “pitrolino” mas ...as referências ao mundo rural de origem, através das Endoenças (p. 68) quando se fala da Verónica, as barracas onde viviam muitas famílias ou pedaços de algumas (p. 34), a gata que é uma “senisga delambida” (p. 54), a viagem na camioneta (para a Brandoa) com as pessoas a fumarem (p. 60), a relação das pobres mulheres com a morte (p. 61), a referência ao “turismo de habitação” a fundo perdido que deu nova vida aos que, em tempos, também tinham os mesmos privilégios (p. 72), as mãos a cheirar a lixívia (p. 119) e a bata que compõe o aspeto... são dados que tornam mais real a narrativa e que trazem à memória a adaptação de quem, chegado da província, desagua em Lisboa, nela vive mas, nem sempre a compreende.

As localizações espaciotemporais são bem interessantes: Benfica, Estrada

de Benfica, o bairro das barracas, depois demolidas. É de uma ternura dolorosa a relação entre o ponto de vinda desta migrante, o seu ponto de chegada e a sua (in)capacidade para compreender ambos os locais embora sobre eles tenha um discurso claro e analítico.

A perspetiva de género é aqui assumida sem quaisquer equívocos: a história é narrada pelo escritor, através de uma mulher: ele conhece bem este tipo que (re)cria. É impressionante a capacidade que tem de a descrever a um nível de pormenor e de conhecimento vivencial das mais pequenas questões do dia-a-dia. A quantidade destas mulheres que conhecemos, neste grupo social, em Benfica! Neste quadro só falta o filho do “Chibito” (o vizinho da frente, que morava numa das 4 barracas ali existentes) e que, como uma elementar educação sexual à época inexistente, tinha tido o condão de mostrar que tinha “uma torneira na barriga” (por onde fazia chichi). Ele nem usava os ditos calções, rachados, descritos no livro!

O autor também conhece a capacidade de mulheres decidirem o que queriam, em termos de educação, para os filhos. Quando a protagonista mente ao marido (sobre a origem dos fundos para a educação do filho) não o faz por si mas por estar certa de que os estudos eram uma porta de entrada para a possível mobilidade social.

Este livro aborda uma perspetiva de género e de classe bem vincadas: a(s) mulher(es) não é/são a(s) senhora(s) de que muita literatura atual, sobre

estes anos aqui analisados, se alimenta. Este revisitar do passado vai buscar o que essas senhoras que hoje escrevem sobre as mulheres daquele tempo não conhecem. Lembra Zita Seabra no livro autobiográfico *Foi assim*. Ela mostra que, ao tornar-se mulher de uma casa clandestina do PCP, nada conhecia do povo que ela queria defender. Ela que nunca lavava roupa vai ter de lavar num tanque, por exemplo. Ora, quem escreve este livro conhece (não por experiência própria mas por excelente capacidade de observação) o que era ser mulher, então. Em muitos e muitos pormenores do texto, embora ficção, vejo mulheres que conheci (que aos 25 anos vieram para Lisboa viver com maridos que não as deixavam continuar a trabalhar mas que nunca deixaram que eles comandassem a relação delas com a escola dos filhos), os pais (que tinham pedaços de mutismo e que, sem horta, aspiravam sempre ao retorno à terra deixada e que lhes fora madrasta, trabalhando sempre nas Fábricas, com os olhos postos num regresso), as vizinhas ainda hoje ali residentes (vindas de Tomar, Trás-os-Montes, etc.), as barracas que circundavam os prédios de uma urbanização recente e a energia delas num local – Benfica - onde viviam as centenas de migrantes que buscavam melhor vida em Lisboa e que “não queriam emigrar”...

Há que deixar um aviso: a leitura demora menos de duas horas mas, os efeitos dela, não se apagam com facilidade. Ela esgota-nos pois é um livro simultaneamente pesado mas também de apaziguamento com o passado recente. Não admira que tenha levado tanto tempo a escrever e outro tanto

a conseguir ser editado.

As questões de política estão sempre presentes mas sem o empenhamento justificativo ou memorialístico que caracteriza os textos militantes. Como refere Fernando Rosas (2013), a “arte de durar” do anterior regime só pode ser compreendida se, a par da leitura histórica dos tempos, se fizer a leitura do quotidiano, este muito mais longo e difícil de olhar do que uma revolução.

O autor, nascido em 1961 e docente do ensino superior público politécnico e que se tem dedicado ao estudo e investigação de temas na área da sexualidade, da saúde e da psicologia social do género iniciou aqui um percurso que vai continuar: tem já pronto um novo texto, sobre os anos 60/70 do século passado que, tal como este, vai decerto levar as gerações mais novas a observar um quotidiano no qual as mais velhas se reconhecem mas de que não guardam saudades.